



1290001163



FE

TCC/UNICAMP An24a

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÍRIAM VIEIRA BONFIM ANGELO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO OUTRO NA
FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DO SUJEITO

CAMPINAS
2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
Faculdade de Educação

Miriam Vieira Bonfim Ângelo

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO OUTRO NA
FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DO SUJEITO

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UNICAMP para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, sob a orientação da
Profa. Dra. Ana Luíza B. Smolka.

Campinas
2003

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/unicamp
	An 24a
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	1163
PROC:.....	117104
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	1100
DATA:.....	17/02/04
Nº CPD:.....	mk-nd 310181

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

	Angelo, Miriam Vieira Bonfim.
An43a	Algumas considerações sobre a participação do outro na formação da personalidade do sujeito / Miriam Vieira Bonfim Angelo. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.
	Orientador : Ana Luiza Bustamonte Smolka.
	Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934. 2. Desenvolvimento da personalidade. 3. Perspectiva. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.	
	03-0234-BFE

Primeira leitora: Ana Luíza Bustamante Smolka

Segunda leitora: Ana Lúcia Horta Nogueira

Data: _____

**Dedico este trabalho
a meu marido
e ao meu filho**

Agradecimentos:

Agradeço, em primeiro lugar, a profa.Dra.Ana Luíza Bustamante Smolka. Agradecimento que se deve não apenas por ter aceitado me orientar neste trabalho, mas principalmente pela pessoa que é e por quanto nos ensina e nos inspira a sua presença.

Agradeço a profa. Dra. Ana Lúcia Horta Nogueira por sua contribuição

Agradeço àqueles que permitiram tempo livre e apoiaram-me para a realização deste trabalho: Dr. Wolgrand Alves Vilela, Dr. Rubens Romano Maciel, Dra. Rosana Kesrouani e Dra. Andréa Nakata.

Agradeço aos meu familiares, as minhas fiéis amigas e aos meus professores.

Agradeço àquele que foi afetado diretamente por minhas ausências, meu marido.

A todos, muitíssimo obrigada.

Resumo

Falar sobre personalidade não é tarefa nada fácil. O assunto tem sido discutido por autores em diversas tendências, sobretudo no âmbito da Psicologia e da Psicanálise. Como o ser humano forma sua personalidade? Como a vida em coletividade afeta essa formação? Essas são questões que persistem, e não encontram, entre pesquisadores e educadores, uma resposta única ou homogênea. Na perspectiva sócio-histórica, Vygotsky acreditava que “...através dos outros constituímos-nos...” (VYGOTSKY, p.25) e admitia, como Marx, que o “homem é um agregado de relações sociais”

A partir desse pressuposto o presente trabalho tem como objetivo provocar uma série de reflexões sobre o assunto e colocar questões que consideramos relevantes para que nós, educadores, possamos pensar. Vários aspectos da formação da personalidade do sujeito ainda requerem um aprofundamento da pesquisa. Já outros têm se tornado mais compreensíveis, como o fato da participação do outro ser fundamental na construção desta personalidade. É esse aspecto, da natureza social da personalidade, que será o foco das nossas considerações.

Sumário

1. <u>Uma indagação como ponto de partida: o que é personalidade?</u>	p. 10
2. A desconstrução de um conceito	p. 12
3. A formação da personalidade para Vygotsky	p.13
4. A participação do outro na formação da personalidade do sujeito	p.15
4.1 a participação do outro na formação da personalidade inicia-se no nascimento	p.15
4.2 a interação entre o bebê e o outro	p.16
4.3 a constituição do sujeito na ambiência sócio-cultural	p.18
4.4 a formação da personalidade e a linguagem	p.21
4.5 a constituição da personalidade	p.25
4.6 a importância do nome próprio	p.26
4.7 o processo de imitação dentro do processo de constituição da personalidade	p.27
5. A construção da personalidade e a escola	p.29
6. Contribuições que o olhar da teoria de Vygotsky sobre a personalidade pode trazer para relação professor/aluno	p.32
7. Considerações finais	p.34
8. Bibliografia	p.36

**Algumas considerações sobre a participação do outro na
formação da personalidade do sujeito**

1. Uma indagação como ponto de partida: o que é personalidade?

Quantos de nós já não nos deparamos com as seguintes situações ou frases?

a) Por motivos de doença ou de uma situação brusca, como um acidente, uma pessoa mantém as mesmas atividades que fazia antes do evento, mas passa a se comportar de maneira diferente, muitas vezes tornando-se mais tranqüila; vendo a vida de outra maneira.

b) Uma outra situação é bastante comum para nós professores: diante de uma atividade uma criança diz que não sabe fazê-la. O professor se dispõe a ajudá-la, mas esta sai da sala e apronta um berreiro no corredor chamando a atenção de todos, inclusive da direção. Na hora do intervalo outros professores e a direção explicam para o professor que aquela aluna não tem jeito, que não sabe se comportar, que assim como ela os irmãos agiam da mesma maneira, que tudo é uma questão da personalidade da família;

c) “Ela não tem personalidade” – frase comumente usada em nosso dia-a-dia e reforçada pelos meios de comunicação, principalmente através de novelas;

d) Uma outra questão bastante instigante é a que apresentada no filme “Feita por encomenda”, estrelado por Whoopi Goldberg. Nele uma adolescente está à procura de seu pai biológico, uma vez que sua mãe optou por ter filhos através de inseminação artificial. Desta maneira, a mãe (Whoopi Goldberg) forneceu a uma clínica de doadores de espermatozoides as características desejáveis de um doador. Ao encontrar o pai biológico, a primeira surpresa é o fato dele ser branco, enquanto mãe e filha são negras; a segunda surpresa é a descoberta de pai e filha de uma série de afinidades. Como eles nunca haviam se encontrado antes, a argumentação ficou por conta da personalidade ser um componente genético. Isto explicaria o mesmo gosto pelas Ciências e os mesmos gestos.

e) As situações anteriores me pareceram bastantes comuns e meu conceito de personalidade partia destes princípios, no entanto, a leitura de um manuscrito de Vygotsky me fez repensar essa questão. Neste manuscrito de 1929 estava colocado que a personalidade, assim como as demais funções mentais superiores, é o resultado da totalidade de relações que o indivíduo estabelece e internaliza. Vygotsky acreditava que

“...através dos outros constituímos-nos...” (VYGOTSKY, 2000, p. 25).

Essa frase foi um achado, embora eu não soubesse seu significado e não compreendesse sua dimensão.

f) Assistindo a um programa de televisão, POPSTARS na rede SBT, a frase “ele tem personalidade” foi insistente e comumente utilizada pelos jurados do programa ao se referirem a algum candidato. Esta frase revela a crença do senso comum de que algumas pessoas têm personalidade e outras não. Crença que traz implícita a concepção de que nascemos com ou sem personalidade.

Neste ponto é bastante claro que falar sobre personalidade não é tarefa nada fácil uma vez que o assunto é pouco discutido. Acredito que isto se deva ao fato de imaginarmos que o conceito de personalidade é comum a todas as pessoas, principalmente porque esta idéia é a todo o momento reforçada pela mídia, intensamente pelos programas de televisão.

Estas situações, relacionadas acima, nos remetem a uma série de questões:

A personalidade é genética?

Integrantes da mesma família possuem personalidade igual ou semelhante por viverem no mesmo ambiente?

Pode existir uma pessoa sem personalidade?

A personalidade de um sujeito pode ser afetada por outras pessoas ou acontecimentos durante sua vida?

O adulto afeta a criança ou criança afeta o adulto ou ambos se afetam? De que maneira isto acontece?

Procurando resposta, uma vez que acreditava que a personalidade já nascia conosco, que ela era definida no nascimento e que teríamos a mesma personalidade do início ao fim da vida, deparei-me com um texto Tereza Cristina Rego(2.000). Neste texto a autora relata uma pesquisa feita com professores onde fica claro que minha concepção de personalidade não era incomum. Essa pesquisa revelou que 14,5% dos educadores acreditam que a singularidade humana, ou seja, suas características pessoais, são decorrentes de fatores internos ao indivíduo. Sendo assim, seu modo de agir, de pensar, de se comportar já nasce com o sujeito, são inatas a ele. Inatismo que alguns explicam biologicamente, considerando a personalidade como parte “orgânica” do sujeito ou com explicações ideológicas, que defendem que a personalidade é dada por “Deus”.

Esta mesma pesquisa revelou que 50% dos professores explicam as características individuais pela combinação de fatores internos e externos ao sujeito. Combinação que é obtida pela soma ou justaposição dos fatores. Este grande número de professores, apesar de considerar as vivências do sujeito não foge a explicação de uma personalidade já definida no nascimento.

A frase mencionada no item “e”, acima, me fez pensar que minha crença sobre personalidade não explicava muitos acontecimentos, inclusive acontecimentos e mudanças pessoais. Só então, pude perceber que assim como existem teorias diferentes para explicar o desenvolvimento, a aprendizagem, também existem teorias diferentes para explicar a personalidade.

2. A desconstrução de um conceito

Analisando os dados da pesquisa mencionada pode-se afirmar que a epistemologia apriorista é bastante forte entre os professores. Epistemologia que acredita que o indivíduo, ao nascer, traz consigo, já determinadas, as condições do conhecimento e da aprendizagem que se manifestarão ou imediatamente (inatismo) ou progressivamente pelo processo geral de maturação. Dentro deste paradigma poderíamos citar os teóricos da Gestalt e os do Construtivismo.

Para a Gestalt o conhecimento se produz porque existe no ser humano uma capacidade interna inata que predispõe o sujeito ao conhecimento; Já para o Construtivismo a estrutura não é dada, ela é construída a partir de uma bagagem hereditária e da relação com o objeto. São estas concepções que também fundamentam a formação da personalidade em suas teorias.

Um outro importante teórico que fala da educação e da relação professor aluno, a qual podemos transplantar para as demais relações, é Émile Durkheim. Lendo “A Paixão do Educador no Imaginário da Sugestão”, de Heloisa Fernandes (1994), se deduz que se falasse em personalidade, Durkheim seria adepto a teoria apriorista, uma vez que influenciado por uma sociedade francesa marcada pelo imaginário da hereditariedade, Durkheim formulou sua tese de tábua rasa, na qual a sociedade estaria condenada ao destino, e somente o educador poderia

constituir novas tendências. Tudo dependeria do desejo deste educador que faria uso da sugestionabilidade e da habituação. Dentro deste paradigma

“o lugar do desejante é de apenas um: professor. A criança ocupa o lugar de recipiente passivo e obediente ao desejo do outro” (FERNANDES, 1994, p141).

Durkheim acreditava que tudo que a criança traz ao nascer são virtualidades que se determinarão num sentido ou em outro, segundo a ação que o educador exercerá, segundo o modo como ele as empregará. De acordo com a crença de Durkheim é sempre o adulto que afeta a criança, sendo assim, o objetivo principal da educação seria a ação do adulto sobre a criança. Dentro desta tese, cabe ao adulto a transmissão de costumes, ideais e conhecimentos que permitirão que a criança se adapte bem a sociedade.

Já na teoria de Vygotsky não se acredita que o sujeito nasça com a personalidade definida, o que daria preponderância aos fatores internos de caráter orgânico ou idealista; também não se acredita que o sujeito nasça com aptidões e características que apenas serão moldadas e/ou desenvolvidas durante a vida. A teoria de Vygotsky acredita justamente no contrário.

3. A formação da personalidade para Vygotsky

A teoria de Vygotsky parte do princípio que o sujeito é um ser social. Isto significa que a concepção de desenvolvimento, da mesma maneira que a concepção de personalidade, na perspectiva histórico-cultural, está compreendida não só ao longo da história da humanidade como ao longo da história do indivíduo. Essa compreensão é fundamental para que não partamos de conceitos generalizados e para que possamos compreender o indivíduo inserido num processo social, coletivo e pessoal.

A inserção na sociedade é fundamental nesta teoria, uma vez que considera que não só a escolarização, em seus diferentes níveis, produz pessoas diferentes, mas principalmente as atividades práticas, modos de comunicação e perspectivas dentro do social, além da maneira como as pessoas incorporam e usam a linguagem. Desta maneira, serão as diferentes culturas que produzirão pessoas diferentes e assim personalidades diferentes. A formação da personalidade, então, terá como condição fundamental que o sujeito seja afetado pelo outro e

pelo meio sócio-cultural, assim ela se dará ao nível de reconstrução e re-elaboração das experiências sociais, culturais e históricas. É na convivência social, histórica, cultural que o homem se distingue dos animais, é na convivência com o outro que se molda à estrutura do humano.

É importante ressaltar que a teoria de Vygotsky não descarta o biológico.

"(...) Para Vygotsky,..., a função psicológica tem suporte biológico, mas o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana"(OLIVEIRA, REGO E SOUZA,2000, p 27)

Ou seja,

"... os fatores biológicos têm preponderância sobre os sociais somente no início da vida. A partir de sua inserção num dado contexto cultural, de sua interação com os membros de seu grupo e de sua participação em práticas sociais historicamente construídas, a criança incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas na experiência humana"(REGO,2000,p104).

Dentro desta concepção, falar de personalidade é falar do sujeito em relação com outro e é, ainda, falar do social onde esta relação se estabelece desde o nascimento;

"... falar em sujeito implica considerar esse conceito em dupla acepção: a que se refere ao ser sujeito, à possibilidade de fazer opção imprimindo sua marca no contexto ao qual se insere, e ao fato de concomitantemente ser sujeitado ao contexto que o constitui"(ZANELLA, BALBINOT E PEREIRA,2000, p.244).

Quando dizemos que a formação da personalidade acontece dentro da coletividade, dizemos que é uma coletividade histórica, social e cultural. Assim, não é possível pensar o homem fora de seu meio social e de seu tempo, entretanto, não podemos partir para radicalização afirmando que crianças que viveram mundos violentos, famílias desajustadas, reproduzirão, necessariamente, a vivência que tiveram. É preciso considerar que

"em cada situação de interação com o mundo externo o indivíduo encontra-se em um determinado momento de sua trajetória particular, trazendo consigo certas possibilidades de interpretação e re-significação do material que obtém dessa fonte externa" (OLIVEIRA, REGO E SOUZA,2002, p. 26).

A personalidade do sujeito é a responsável pelo modo como ele pensa, como age, como olha, como fala, como se comporta, e ela é constituída a partir de relações interativas estabelecidas com o outro

"... a constituição psíquica do homem não se situa na ordem biológica, mas na ordem de cultura"
(PINO, 1993, p17).

O outro tem participação fundamental na vida do sujeito uma vez que as relações existentes são sempre mediadas por ele, e porque o homem só é homem na relação com outros homens.

4. A participação do outro na formação da personalidade do sujeito

4.1 a participação do outro na formação da personalidade inicia-se no nascimento

O outro está presente a todos os momentos da vida do sujeito desde o seu nascimento. No nascimento as funções biológicas são preponderantes, o que não significa que a personalidade é uma célula que começará a funcionar em um determinado dia. A personalidade é resultado da pressão exercida pela vida social, vida que acontece desde o primeiro momento de imersão no universo cultural. Imersão que transforma o biológico em sociocultural, transformação que é proporcionada pela interação entre o eu e o outro, numa relação entre o sujeito e o outro, onde o sujeito é também o outro na referência de seu par. As ações, os gestos, as palavras afetam ambos reciprocamente, desde o nascimento.

"(...) Assim, é apenas no interjogo das ações que os modos de participação do outro podem ser configurados (...) " (GÓES, 1992, p337)

Então, sob a perspectiva histórico-cultural os conceitos de eu e outro são relacionais; ou seja, o homem é homem pelo aprendizado cultural propiciado pelas relações entre os homens.

As interações socioculturais já se iniciam no momento do nascimento, pois a criança nasce imersa no universo cultural e sua sobrevivência neste mundo terá como condição *sine qua non* a participação do outro. Este processo, no entanto, não é passivo e muito menos simples.

"(...) Trata-se, ao contrário, de uma operação complexa de re-constituição (reprodução-criação) em e pela criança de algo já construído pelo gênero humano e que define a história dos homens (...) " (PINO, 1993, p22).

A participação do outro na formação da personalidade se inicia no nascimento. Sendo que, num primeiro momento é a mãe a pessoa capacitada para dizer como a criança é, como se comporta, como é sua personalidade. Quantos de nós já não somos familiarizados com as seguintes frases ditas por mães de crianças muito pequenas:

Meu filho é muito calmo.

Meu filho chora muito.

Meu filho é muito bonzinho, só acorda para mamar.

Estas definições de personalidade da criança dadas pelas mães são muito fortes principalmente pelos laços e relações entre mãe/bebê que existem desde a gravidez. As mães de crianças muito pequenas geralmente estão atentas a suprir a vulnerabilidade seus filhos neste período, delimitando e restringindo as possibilidades de interação da criança com o mundo sociocultural.

4.2 a interação entre o bebê e o outro

Desde bebê o homem interage com o outro e outro com ele. É a fala, o gesto, o comportamento do outro, ou seja, os diversos usos da linguagem que permitirão a este bebê a aquisição da cultura de seu grupo, e também a compreensão de seus próprios gestos, assim como

“no desenvolvimento inicial, a fala do outro dirige atenção e a ação da criança, aos poucos, a criança também usa a fala para afetar a ação do outro” (GÓES, 2000, p. 22)

Geralmente neste período da vida, interação entre o bebê e a cultura é dada pela linguagem usada pela mãe. É a mãe que limita e restringe o significado dos gestos da criança. É a mãe, a princípio, que dita o significado da linguagem usada pela criança. Isto poder ser observado na relação mãe/filho, onde as regras culturais vão surgindo de maneira crescente na vida da criança, e isto acontece à medida que ambos interagem na busca da aprendizagem daquilo que é aceitável ou não na convivência em grupo, neste processo a mãe também aprende a ver as respostas de seu filho e a conhece-lo melhor, aprende a vê-lo como ele é, ou pelo menos tem oportunidade para isto.

Mais tarde, conforme vai aumentando sua interação com outros membros do grupo, estes passam, também, a dar significados a linguagem da criança, proporcionando um leque de

sentidos, de significados, de palavras, ampliando o conhecimento da criança sobre sua própria cultura. É possível afirmar que a criança que tinha como principal mediador a mãe, já não é mais a mesma, que dentro deste processo de inserção social ela “sofreu” diversas mudanças. Mudanças no convívio social, mudanças na percepção e uso da linguagem e, conseqüentemente, mudanças na sua personalidade.

“(...) O grupo é indispensável à criança não só para a sua aprendizagem sócia, mas também para o desenvolvimento de sua personalidade e para a consciência que pode tomar dela(...)” (WALLON, 1975, p.174)

A constituição do modo de pensar, de agir, de se comportar, de falar, de se relacionar, de sentir, isto é, a formação da personalidade do sujeito não segue nenhum padrão; diferentemente de seu desenvolvimento biológico que segue, mais ou menos, uma padronização. Por exemplo, o bebê senta por volta de cinco ou seis meses; dá os primeiros passos em torno de um ano e fala por volta dos dois anos. O que se pode dizer é que todas essas mudanças na vida da criança, a visão de mundo que tinha no berço, engatinhando, andando, interfere e transforma a personalidade, principalmente a independência proporcionada pelo andar e pelo falar.

“(...) O desenvolvimento social da criança passa por etapas particularmente rápidas no momento em que aprende a falar e a andar. Andando, a criança pode modificar a vontade seu ambiente, pode de uma maneira activa ir de um ao outro. E, ao falar, criança pode dar nomes diferenciadores aos objectos(...)” (WALLON, 1975, p.208)

Com isto o sujeito vai saindo de um estágio de dependência para um estágio de independência, sendo que esta propicia um leque maior de interações do sujeito com outros e com a cultura. Esta independência possibilita que a criança mostre claramente suas características. Sua personalidade deixa de ser definida pela mãe.

Com o crescimento, o sujeito, a cada ano de vida, tem a tendência a ampliar cada vez mais suas relações sociais; a escola é um dos grandes momentos para que isto aconteça, a variabilidade de sua personalidade é agora restringida e delimitada por essas relações.

A criança vai apreendendo, reconstituindo e reconstruindo a cultura, os costumes sociais, através da interação, e isto desde muito pequena, desde o nascimento, principalmente através da linguagem. São as crianças e os adultos que dão sentido e significado para seus atos. Por exemplo, é comum ouvir mães dizendo que seu bebe, de poucos meses, já está falando alguma coisa, geralmente, mamãe ou papai.

À medida que a criança cresce e tem um campo de interações mais abrangente, o significado de suas relações toma outras dimensões. Neste processo de interação cada sujeito é único. Ele nasce interagindo, se desenvolve, forma sua personalidade sem que nunca possamos dizer que ela é madura, uma vez que ela está estritamente relacionada à maneira como o sujeito vivenciou e reconstruiu internamente as relações que viveu e vive. Este processo gradual e extremamente complexo, ocorre de contínuo desde o nascimento até a velhice. São estas vivências e relações com o outro que fornecerão ao sujeito oportunidades dele, a seu modo, tornar-se uma pessoa que tem o seu lugar na sociedade e principalmente que tem sua individualidade, que não pode ser copiada e nem emprestada.

4.3 a constituição do sujeito dentro da coletividade sócio-cultural

Independência traz maiores chances de interação social, proporciona um número infinito de relações emocionais e afetivas que também afetam os modos de ser da criança, influencia diretamente sua personalidade. São estas interações da infância e da idade adulta que fundamentam e fundamentarão a personalidade do sujeito por toda sua vida. Isto significa que a personalidade estará em constante formação. Ela será sempre o conjunto de interações sociais vividas pelo sujeito. Interações entre o sujeito e o outro que acontecem durante a vida inteira, interações que só se findam com a morte. Desta forma, a personalidade do sujeito só existe porque existe o outro, então a existência e participação do outro é fundamental na formação e constituição da personalidade.

Caberá ao sujeito, através de sua personalidade, relacionar eventos, juntar memórias e fazer uso destes signos em suas relações durante a vida. Isto se tornou possível pela capacidade do homem de produzir história. Isto significa que o homem é simultaneamente produto e produtor de eventos, de significados, de cultura. Dentro desta visão, o homem só é homem na relação com outros homens. Sendo assim, o humano se constitui dentro da coletividade, dentro da sociedade. É dentro do contexto social que o sujeito apreende a ser social e adquire, pela mediação do outro, os elementos culturais e históricos da humanidade, elementos que permitem e permitirão que ele (sujeito) se constitua homem.

São estes elementos sociais que fazem com que uma pessoa seja de uma maneira e não de outra e, mais, são as relações sociais/culturais/históricas que fazem com que nenhuma pessoa seja igual à outra, nem mesmo os irmãos que vivem e convivem no mesmo ambiente e

com as mesmas pessoas. Isto acontece porque a personalidade estará baseada na re-elaboração interna das relações que viveram e não nas próprias relações, e esta re-elaboração é única, pessoal e intransferível.

O meio social exerce uma pressão muito forte sobre o sujeito, por exemplo, a pressão que Hamlet sofre de toda sociedade da Dinamarca que ficam bem claras nas palavras que são ditas a Ofélia

"(...) em Hamlet ferve o sangue jovem, é possível que ele a ame nesse momento, mas ele é príncipe, não tem liberdade de escolha, está preso à sua situação elevada, não tem poder sobre si mesmo, é súdito de sua origem, não pode dispor do seu próprio destino...(...)"(VIGOTSKI,1999,p.48)

Mas isto não exclui, de maneira alguma, as escolhas que podem ser feitas, ou seja, a escolha pessoal não está ausente. A personalidade se forma dentro das pressões e exigências da vida em sociedade.

É preciso aceitar como princípio que a constituição da personalidade só pode ser vista dentro das condições de sua existência, condições que variam com a idade e com o meio social. Por exemplo, como explicar a personalidade de Hamlet (de Shakespeare)? Ele seria mesmo louco?¹ Para buscar a compreensão das ações e falas de Hamlet se faz necessário entender que o meio social, apesar de não delimitar sozinho a personalidade do sujeito, contribui para sua formação. Desta forma, é fundamental considerar que Hamlet viveu

"(...) a morte repentina do pai e o casamento apressado e precipitado da mãe...(...)"(VIGOTSKI,1999,p.33)

Aceitando o princípio de que a personalidade está em constante modificação não podemos aceitar que J. seja assim. E ainda não podemos aceitar que é um problema de família, uma vez que houve referência aos irmãos.

Sobre esta situação, superficialmente, poderíamos dizer que J. corresponde ao discurso que é imposto a ela, isto faz parte do jogo de poder existente nas relações sociais. Depois da fala da diretora, J. não modificou seu comportamento, entretanto, não sabemos como ela se comporta nas demais relações que estabelece. Dentro da escola existe a aceitação deste discurso de aluna problemática por diversos membros, direção, professores, alunos e pela própria aluna. Entretanto, não podemos esquecer que J. é um ser social, e como tal estabelece

¹ ver Vigotski,L.S. A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

muitas outras relações em situações muito diferentes da escolar. J. pode simplesmente ter construído o hábito de ser assim no ambiente da escola, hábito que tem grande aceitação de todos que estão no ambiente escolar.

Não estamos querendo dizer que não existem alunos com problemas; é certo que tem alunos que aprendem, alunos que aprendem devagar, alunos que aprendem mais devagar, alunos que aprendem muito devagar. O ponto que estamos discutindo é que a personalidade não é, ela está; e está muito momentaneamente. Acredito que a compreensão de como a personalidade é formada é condição primordial para não mais rotularmos nossos alunos. Desta forma,

“O psicológico só pode ser compreendido nas suas dimensões social e individual” (GÓES, 2000, p. 21).

4.4 a formação da personalidade e a linguagem

A participação do outro na formação da personalidade do sujeito se dá principalmente através da linguagem. É através dela que a criança, ainda sem falar, faz uso da linguagem para interagir na sociedade. Inicialmente, a criança faz uso da linguagem corporal: gestos, olhares, choros, etc, aos quais são atribuídos significados, valores, e acompanham uma resposta, que não precisa ser falada, dando significado cultural aos atos, possibilitando a internalização destes. De acordo com Luci Banks-Leite (2000), este processo é o que Vygotsky chama de “a Lei da dupla formação”, onde todas as funções aparecem duas vezes:

“primeiro no nível social e depois no nível individual, primeiro entre pessoas e depois no interior da criança” (BANKS-LEITE, 2000, p. 32).

Isto, entretanto, não quer dizer que a criança apenas repetirá a aquisição obtida na relação com o outro, pois isto implicaria em acreditar que o aprendizado cultural se daria por osmose² e desta forma tudo que o outro soubesse seria transmitido passivamente ao sujeito por um contato físico, por exemplo. Não é a isto que a Lei da dupla formação se refere. É necessário uma reconstituição e uma re-significação das relações. Assim, a constituição das funções depende desta relação entre o eu e o outro, e nesta relação não estão contidas apenas o

² Ver Novo Dicionário Básico da L. Portuguesa FOLHA/AURÉLIO, 1994-1995

eu e o outro, mas também a imagem que cada um de nós tem do outro, como as imagens que pensamos que o outro tem de nós.

A relação entre eu e o outro é uma relação interativa e não determinística. Isto porque a participação do outro na constituição do sujeito e da personalidade é fundamental, entretanto, não determinará como será este sujeito.

Como já foi dito, a criança nasce imersa no universo cultural, e com isto, é parte do discurso do outro do nascimento e durante toda sua vida. A teoria de Vygotsky aponta algumas formas de participação do outro na vida do sujeito, como: processo de internalização³, processo de inter e autoregulação⁴, zona do desenvolvimento proximal⁵, processo de individualização por meios culturais⁶, enfim, processos mediados pelo outro através da linguagem.

É importante salientar que a participação do outro não acontece somente na presença física deste. A linguagem possibilita ao sujeito remeter-se a este outro ainda que este não esteja presente.

Quando a criança passar a fazer uso da palavra, ainda assim continua sendo objeto do discurso do outro, um discurso carregado de ideologias, de crenças, de expectativas, ou seja, um discurso carregado de historicidade. Desta forma, a significação daquilo que o outro fala não está na palavra

"mas é o efeito da interlocução" (PINO, 2000, p43)

Podemos dizer, então, que a palavra só é completa e surte efeito se considerada dentro de um amálgama social. Sozinha ela nada quer dizer, pois

"a língua encontra-se não no cérebro de um falante individual, mas na soma das marcas deixadas no cérebro pelos usos da linguagem de uma coletividade" (FONTANA, 2000, p53).

Dentro da teoria vygotskyana a linguagem é condição fundamental para o desenvolvimento do eu, do outro, e da relação entre ambos. A linguagem é primordial para a apreensão da cultura e da vida em sociedade, tornando-se, desta maneira, um dos principais alicerces na formação da personalidade do sujeito. Aceitando esses princípios, um dos

³ ver Revista Educação & Sociedade. n 71

⁴ ver Revista Educação & Sociedade. n 71

⁵ ver Revista Educação & Sociedade. n 71

⁶ ver Revista Educação & Sociedade. n 71

pressupostos básicos desta teoria será a de que o sujeito se faz a partir da relação com os outros sujeitos na cultura coletivamente constituída por estes; isto acontece num processo de transformação mútua entre indivíduos e sociedade, onde a linguagem ocupa um papel essencial na mediação entre o sujeito e o outro, e o sujeito e a cultura. A linguagem possibilita que o homem comece a se constituir como humanamente social e cultural antes mesmo de seu nascimento, e a partir deste, uma vez que a fala do outro inicia o sujeito na cultura e na vida em sociedade.

Em todo este processo mencionado, o sujeito foi modificando sua personalidade. No entanto, isto não quer dizer que ele era de um jeito e transformou-se em algo totalmente diferente. A idéia da teoria sócio-histórica não é de mudança brusca, de um oposto ao outro. O princípio é de constituição. Isto significa que a personalidade não está pronta quando nascemos, que ela não é a mesma durante toda vida; a personalidade se forma no dia-a-dia, na relação com o outro e, conseqüentemente, na relação com a linguagem, com a cultura, com a sociedade.

A linguagem é ainda fundamental na constituição da personalidade por possibilitar ao homem constante e intensamente, processos de imitação, de brincadeiras que propiciam a construção e re-construção da cultura, assim como permitirá a internalização destes elementos, como das relações que vivencia. Vygotsky acreditava que ao internalizar os vários papéis e laços de uma forma pessoal, singular é a palavra que irá designar/organizar o que pertence ao eu e o que pertence ao outro, assim como designar e organizar tudo no mundo. Podemos interpretar que tal designação inicia-se pela fala do outro (pai, mãe) num momento muito especial na vida do ser humano, a gestação. Uma vez que os adultos nomeiam a criança que está para nascer. Neste momento, a palavra amplia sua dimensão ao remeter-se ao ser que ainda está por vir, ao ser em formação. A aquisição da linguagem pelo sujeito por volta, mais ou menos, de dois anos, transforma e redimensiona seu modo de agir e sua personalidade. Dentro deste processo fica claro que não só a palavra afeta o sujeito, mas também a maneira como o outro a utiliza, a forma como o outro a utiliza, o tom de voz, o local, e sua significação diante da situação

“Então, é importante perceber que a força da palavra está também ligada ao lugar do qual ela é dita dentro do jogo das relações sociais, as quais em sua totalidade, conforme nos explicou Vygotsky (1979), é constituinte da personalidade dos indivíduos” (ELERO, 1997, p45)

A força da palavra, sua entoação, delimita a personalidade da criança em muitos lugares sociais, da mesma maneira que a constituição orgânica pode ser amplamente transformada pelas circunstâncias sociais, principalmente pela função exercida por cada meio,

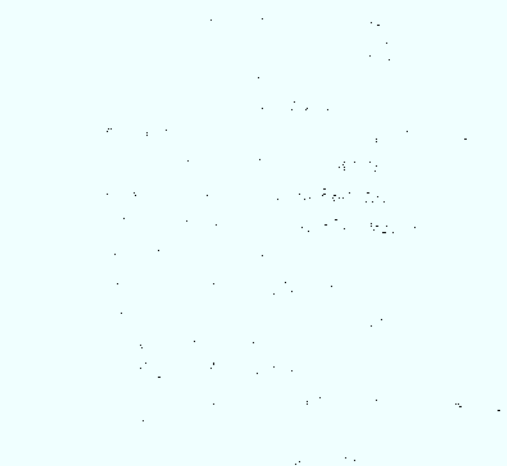
"(...) assim, a existência dos meios reais pode ser duplicada na criança por juízos de valor ou por aspirações imaginativas, no desenrolar dos quais ela opõe a situação onde queria estar a sua e o caso dos outros ao seu próprio destino(...)" (WALLON, 1975, p.167)

A linguagem, como produção humana e como meio de comunicação e generalização dos seres humanos, pode acontecer na sua forma oral, gestual, escrita, corporal, etc. Mas a palavra, enquanto signo, enquanto linguagem, interfere e atua de forma específica e especial na estrutura mental do homem, possibilitando novas formas de comportamento.

A palavra amplia as relações do sujeito com o mundo social. Amplia as situações de interação com o outro. Amplia as formas deste outro participar de sua vida e constituir um processo de apreensão cultural. É preciso ressaltar que embora a aquisição da linguagem falada aconteça por volta de dois anos de idade, a fala é parte de seu desenvolvimento desde os primeiros dias de vida; neste período o caminho da fala que permite que a criança se reconheça é feito por outras pessoas, geralmente pela mãe, que a insere no mundo social.

"(...)... a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento (...)"
(VYGOTSKY, 1989, p.31.)

Com a aquisição da linguagem mudanças qualitativas e quantitativas afetarão as estruturas do sujeito, mudanças que ocorrerão nas ações, nos pensamentos, nos relacionamentos, ou seja, mudanças significativas em nossa personalidade. Mudanças que demonstram que a personalidade está em processo de constituição constantemente. Constituição que afeta e é afetada pelo social, pelo cultural, pelo histórico e desta forma, afeta e é afeta pelas relações com o outro. Relação com o outro que é fundamental no processo de constituição da personalidade. Outro que auxilia, ainda que não consciente ou propositadamente, neste processo. A relação estabelecida entre ambos é que é internalizada, reconstruída internamente pelo sujeito, e é o que é internalizado que modifica as estruturas e assim a personalidade. Sendo assim, o sujeito não tem uma personalidade, tem sua personalidade construída na sua história de vida dentro da história cultural e social.



4.5 a constituição da personalidade

É dentro da coletividade que o sujeito vai constituindo sua personalidade: dentro de experiências culturais vividas coletivamente. Destas experiências o sujeito forma ativamente sua personalidade através da subjetividade das relações, ou seja, o que é internalizado para a formação da personalidade não é a relação em si, mas sua significação, seu sentido.

outro. E tudo isto não nasce com o sujeito, é aprendido socialmente. Assim, a personalidade é única, intransferível e social, portanto nunca esta pronta. A personalidade é fruto do

“processo sociointeracional da vida” (DAMASCENO, GUERREIRO, 2000, p.19).

4.6 a importância do nome próprio

O nome é uma palavra extremamente forte. Uma vez que vem carregado de significados e sentidos não só afetivos como ideológicos. Todos os nomes têm uma história de porque e como foram escolhidos e tem haver diretamente com as relações vivenciadas por aqueles que fizeram a escolha do nome. Sendo assim,

“(...) não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que a mesma se manifesta(...)” (WALLON, 1975, p.381)

A nomeação do ser humano é uma possibilidade que se dá pela linguagem, e isso abre as possibilidades de constituição da subjetividade. Ainda que não possa responder oralmente, o bebê logo apreende quem ele é, e com o tempo apreende o sentido das várias formas de se ser chamado, assim como apreende o significado de cada entonação usada, das pausas e silêncios, e se adequa a responder de acordo com a situação, de acordo com que lhe é delimitado, provocando transformações constantes na personalidade. Assim, a forma como chamamos e como somos chamados também nos influencia e influencia o outro, influencia a constituição de nossa personalidade, ou seja, a forma de agir, de falar, que gestos usar, o que responder, etc. Isto significa que não podemos nos atribuir uma personalidade. Ela é constituída através das relações com os outros, existe porque está em contrapartida de outras personalidades, e exige, para sua manifestação, a identificação do outro e de personalidades distintas para a formação da sua.

Com relação ao exemplo de J. (da página 10, item “b”) podemos afirmar que a aluna internalizou, ou seja, reconstruiu internamente a operação, o discurso externo, pelo menos dentro da escola. Com tudo isto, pode-se afirmar que a personalidade é plástica, e como tal, se constrói nas relações sociais, e do que internalizamos delas. Nenhuma pessoa, a partir deste olhar, terá personalidade igual durante sua vida e não terá a personalidade igual à de outro sujeito.

“Ela tem personalidade”. Esta é uma frase comumente usada, sobretudo com relação à uma certa teimosia ou insistência das crianças em várias situações, entretanto, não retrata o

que realmente acontece com os humanos. Todos temos (construímos) nossa personalidade nas relações com os outros. Algumas revelam um comportamento mais marcante e outros não, no entanto, este comportamento, sua forma de agir, de pensar, de falar é determinada por sua personalidade. Isto é,

“...até o próprio pensamento, no sentido de sua capacidade superior de formação de conceitos, categorias é o produto do desenvolvimento histórico” (VYGOTSKY, 2000, p.34)

Um gesto, um sorriso, um olhar, o tom de voz, as falas são necessárias no processo de interação do sujeito e do outro. É também através destes elementos que o sujeito adquire, com a ajuda do outro, a cultura de seu grupo, e é dentro desta cultura que sua personalidade é constituída.

4.7 o processo de imitação dentro do processo de constituição da personalidade

Quando a criança imita o adulto, ela não está imitando sua personalidade, e sim, interagindo com o meio social e cultural de modo a compreender e aprender a forma como se manipula e usa os objetos, por exemplo.

A imitação é um dos processos mais importantes na constituição da personalidade do sujeito. De início a criança imita as pessoas que lhes são mais significativas. Essas imitações permitem que a criança faça uso de signos importantíssimos para a constituição do sujeito, como a linguagem, principalmente a palavra e a memória. O uso dos signos é tão fundamental para a formação do sujeito que sem ele o sujeito não poderia imitar. Dentro da teoria de Vygotsky compreendemos, então, que não há imitação sem signos.

A imitação fornece instrumentos para que o sujeito adquira e teste os significados e sentidos das palavras, significados e sentidos que adquirem significados diferentes, conforme o contexto. Através dela o sujeito apropria-se, com a fundamental participação do outro, da cultura. Ela, ainda, propicia que o sujeito se relacione com a imagem que tem do outro a ser imitado e com sua própria imagem. Assim, o significado do ato imitado surgirá a partir das palavras atribuídas pelas crianças em cada ato.

“(...) por meio desta mudança de papel em relação aos outros, a criança consegue conhecer o desdobramento a realizar entre que actua e que suporta(...)” (WALLON, 1999, p.155)

Com isto, podemos dizer que o sujeito é interligado e inter-relacionado nos seus aspectos social e psicológico, tornando-se impossível falar de um sem o outro. Dentro desta teoria, social e psicológico caminham conjuntamente.

É possível, ainda, afirmar que a imitação nos permite perceber que não existe um plano individual dentro da teoria de Vygotsky, uma vez que o plano que existe tem alicerces firmes sobre a relação sujeito/outro e outro/sujeito. Deste modo, o plano que existe só pode ser cultural/social. E dentro deste plano a ação do sujeito não é passiva diante dos acontecimentos e das relações. O que o sujeito internaliza não é o que lhe ensinam da maneira que lhe ensinam, e sim, aquilo que sua história permite e da forma como ela permite.

Acreditar que a personalidade é que estaria sendo imitada implicaria em conceber a imitação como mera cópia e o sujeito como ser passivo no processo de aprendizagem, correspondendo a um receptáculo, tese que contraria a de que cada um tem sua personalidade e que existe entre a criança e os outros um processo de interação mediado pela linguagem. É essa mediação que permite que a criança faça nova organização em sua forma de ver o mundo, proporcionando novas relações com o meio cultural, e conseqüentemente novas organizações no comportamento, no modo de agir, na maneira de pensar, ou seja, uma reconstituição da personalidade.

Em algum momento poderíamos pensar que a personalidade poderia ser emprestada se pensarmos na imitação que as crianças fazem dos outros. Tal pensamento, no entanto, não é coerente com a corrente histórico-cultural, isto porque nesta teoria não existe um agente passivo e um ativo,

“(...) o sujeito não é passivo nem apenas ativo: é interativo(...)” (GÓES, 2000, p. 25)

Isto quer dizer que quando uma criança imita, ela, em primeiro lugar, imita o comportamento exterior observável e, em segundo lugar, a imitação significa interação com as possibilidades culturais, as crianças nunca terão, por exemplo, personalidade igual a dos pais, uma vez que suas reações são completamente outras, o mundo é outro. Os gestos imitados têm sentidos diferentes no contexto em que aconteceram dos da dimensão que a criança está atribuindo a eles.

A imitação ainda contribui para a internalização dos vários papéis culturais, papéis que só têm validade na presença e por causa do outro. Papéis que visam ditar os comportamentos e

características aceitos, mas que não podem dizer sobre a personalidade do sujeito. A imitação é extremamente importante na formação da personalidade por possibilitar situações nas quais o sujeito pode distinguir o que pertence ao eu e o que pertence ao outro. Deste modo, o outro está e estará presente a todos os momentos nas interações do sujeito, exteriorizado em suas falas, já que já foi internalizado a partir das relações sociais. Estará presente nas vivências culturais das quais fazem parte o sujeito e o outro. A imitação não é um jogo de reprodução do comportamento e características do outro, e sim um processo muito mais complexo de reconstrução interna destes papéis. Processo que é mediado por instrumentos e signos.

É importante esclarecer que re-elaboramos as situações que vivemos de modo único. Isto porque não é a própria relação que é internalizada e também porque não é só o sujeito que é afetado nesta relação, ele também afeta a ação do outro.

O olhar, os gestos, a voz, a entonação são apreendidos culturalmente e constituem os processos psicológicos do sujeito e do outro. A aprendizagem cultural e a formação da personalidade fundamentam-se num processo de interação, isto significa que o sujeito afeta o outro da mesma maneira que o outro afeta o sujeito. O sujeito precisa do outro para dar sentido a seus atos e pensamentos da mesma forma que o outro também é sujeito neste processo.

5 A construção da personalidade e a escola

Ao pensarmos a educação não podemos ter como ponto de partida os dias atuais sem considerar as mudanças que foram ocorrendo na educação através dos tempos e como as atitudes e necessidades dos homens foram influenciando nas maneiras de educar nas sociedades, desde a primitiva até as capitalistas de nossos dias. Também por isto, a teoria de Vygotsky vê a escola não somente como um local de ensino/aprendizagem específico, mais do que isto, dentro desta teoria a escola é um local de interação cultural e social. A escola se transforma, no seu cotidiano, através das novas demandas que aparecem, sendo que estas surgem da mentalidade social. Com isto, o processo de escolarização irá obedecer a formas bastante distintas de um modo de produção para outro, pois sociedades diferentes irão privilegiar e validar conhecimentos diferenciados a serem aprendidos. Para isto, a escola usará práticas pedagógicas que buscarão estabelecer o comportamento dos diretores, dos professores, dos alunos, moldando a cultura escolar de acordo com sua época...

É na escola que a maioria das crianças entram em contato com uma cultura diferente da que viviam anteriormente. A entrada na instituição escolar possibilita a abertura de um leque muito maior de relações e relações de diferentes níveis se considerarmos a hierarquia existente dentro da escola.

A partir da entrada na escola grandes transformações são provocadas no sujeito; transformações em seu modo de pensar, de agir, de se comportar, de falar, enfim, em sua personalidade. Essas transformações são provocadas porque a criança começa a elaborar de forma diferente o entendimento que tem das coisas, passando, geralmente, de critérios repetidos no senso comum para uma formulação de conceitos mais complexos. Essas passagens, assim como as relações que passam a ter, afetam cada vez mais a personalidade do sujeito; passagens que significam apreensão cultural ao que o homem tem direito, assim como pressupõe mais espaço para um importante mediador na formação de conceitos e da personalidade, o signo lingüístico. É a produção de signos e instrumentos que possibilitam a interação social.

Segundo O Ianni () Marx defendeu a tese de que o trabalho é que modifica o homem e o faz diferente de outros animais, mas não qualquer trabalho, uma vez que diferentes animais podem fazer diversos tipos de trabalho. Marx afirmou que o homem é transformado culturalmente pela sua produção de instrumentos na atividade do trabalho. Vygotsky relaciona a criação de instrumentos aos signos enquanto produção simbólica, e expande essa noção de trabalho, incluindo a constituição do funcionamento mental.

O homem é capaz, de com isto, criar situações novas, aprender e ensinar o outro. Neste sentido, a produção de instrumentos e signos é que dá a dimensão histórica do homem. Isto é possível porque esta produção se modifica ao longo da história da humanidade, mudanças provocadas por ações e reações entre pessoas, como as transformações nos modos de produção, por exemplo. Marx ainda defende a tese de que a história é um processo de desenvolvimento lento; complexo porque emana das relações entre os homens e, de maneira alguma poderia ser aceito como processo natural, no sentido de ser não-intencional e repetitivo. A história é consequência das relações estabelecidas pelo homem, caracterizando-se como intencional. Porém, não apresenta um resultado esperado, previsível, pois, apesar de ser resposta as ações dos homens, o contexto em que os atos se deram não foram por eles escolhido e o resultado não atenderá integralmente as expectativas de nenhum grupo.

O papel da escola, então, é fundamental dentro da visão que defendemos. A apreensão da cultural já produzida pelo homem ao longo da história é de grande importância não só em sua história pessoal como para história social. Transformações e revoluções são favorecidas quando “tomamos para nós aquilo que nos pertence”.

A escola, enquanto instituição social, pode possibilitar que a criança apreenda que a história da humanidade não fez do homem apenas um produto cultural/social, e sim, um agente produtor da cultura na sociedade, um agente que interage, que pensa, que indaga e transforma sua realidade. Transformação, no entanto, que só é possível pela relação com o outro, pela existência da produção de significação dentro da coletividade, isto porque falar do homem pressupõe que se fale, no mínimo, de dois sujeitos.

É esta relação de afetamento: sujeito que afeta e é afetado pelo outro que precisa ser valorizada dentro da escola, não só em relação à produção de cultura social. Assim, o papel do professor não se restringe a ensinar os conhecimentos legitimados pela sociedade como sendo os adequados de se aprender na escola. O papel do professor vai muito além. Ele interage diretamente com o aluno que é antes de tudo pessoa, e passa, ainda que não se de conta disto, a ser um agente que também delimita e restringe a personalidade das crianças, assim como tem sua própria personalidade afetada por elas. A interação e transformação da personalidade não são delimitadas somente por um momento específico, pelo contrário, é um processo dinâmico, complexo e constante.

Partimos do princípio que cada escola deva ter seu trabalho fundamentado em uma visão de mundo, de sociedade, de homem e de educação. Estes princípios é que devem nortear o trabalho pedagógico dentro da unidade escolar. Isto significa que a postura assumida pelo professor dentro da sala de aula baseia-se numa crença teórica. Esta crença teórica possibilita que o professor aja de uma maneira ou de outra, que seja democrático ou autoritário, e é justamente esta postura que delimitará e restringirá as relações dentro da sala de aula, ambiente no qual as mais diversas personalidades estarão interagindo, transformam e modificando.

6 Contribuições que o olhar da teoria de Vygotsky sobre a personalidade pode trazer para relação professor/aluno

A escola, como lugar institucional social, tem como função específica instruir e transmitir os conhecimentos científicos. Para isto é preciso que os profissionais da educação compreendam que

"(...) o desenvolvimento da inteligência está ligado na criança ao desenvolvimento da personalidade total...(...)" (WALLON, 1975, p. 202)

Essa função da instituição escolar em nossa sociedade de classes implica em formas de organização e normas que afetam diretamente os indivíduos. O primeiro afetamento inicia-se com a mudança na rotina da criança com a entrada na escola.

O ingresso na escola apresenta características próprias e muitas vezes requer que a criança, ao atravessar o portão a escola, transforme-se em aluno, deixando de ser criança.

Uma das grandes contribuições da teoria de Vygotsky é a maneira de interpretar e relacionar com o mundo e com as outras pessoas, implicando numa concepção de criança diferente, o que implica, ainda, em enfrentar de outra forma com as obrigações que o tempo nos apresenta.

O controle do tempo sobre nossas vidas começa antes mesmo de nascermos. Temos tempo para tudo, até para não termos tempo. E na vida da criança, principalmente com a instituição escolar, acontece o mesmo. O tempo é que decide quando é chegada a hora da criança entrar na primeira série do ensino fundamental, independente de suas competências; o tempo tende a uniformizar as pessoas e neste primeiro momento o faz pelo marco dos setes anos.

Matriculadas na primeira série, uma série de compromisso vai se constituindo e tornando-se normais, uma rotina vai sendo estabelecida para criança pelo tempo. O acordar para este compromisso coloca a criança em um pólo: criança/aluno. Conforme os ponteiros do relógio vão caminhando este pólo vai se transferindo para aluno/criança. A criança é forçada a transformar seu comportamento: passando a agir da maneira que se espera que o aluno faça: obedecendo, calando.

"(...) Quando as crianças chegam a escola, encontram um ambiente diferenciado do ambiente familiar e com relação ao qual é esperado que elas se adaptem e se comportem de maneira adequada(...)" (SMOLKA, NOGUEIRA, 2002, p. 79).

A escola é um ambiente onde estão contidos conceitos, valores, conhecimentos, vidas, relações que vão se constituindo dentro de um tempo, de um espaço, de ideologias, de crenças que nos afetam diariamente, afetando a constituição da personalidade de cada sujeito. Sendo assim, ao professor, mediante as escolhas feitas, cabe encarar o sujeito como aluno mais do que criança ou como criança mais do aluno ou perceber as particularidades assumidas por este sujeito enquanto aluno e enquanto criança e enquanto aluno/criança.

Concordo com Smolka e Nogueira (2002) quando dizem que

“...É imprescindível para a atuação como profissional da educação” (SMOLKA, NOGUEIRA, 2002, p. 78.)

termos claro o porque da maneira que nos colocamos diante das questões que aparecerem na sala de aula e o porque da postura com a qual nos relacionamos, assim termos claro a concepção que temos de nossos alunos e as explicações que fornecemos a cada evento ocorrido. Sendo assim, [é imprescindível no processo de interação, de constituição da personalidade a maneira como nós professores nos posicionamos diante de uma teoria, e conseqüentemente diante de nossos alunos. Um professor não educa somente por seu conhecimento acadêmico, mas também por sua postura, e é ela o “carro chefe” nas mais diversas e complexas situações do dia-a-dia.]

Aceitar a contribuição da teoria de Vygotsky, ou seja, pensar a personalidade como uma construção cultural/social implica em aceitar a diversidade dos sujeitos. Isto é, que o aluno apresenta um comportamento como de qualquer humano, comportamento, forma de pensar e agir que é produzida na atividade coletiva cultural. Isto permite que o professor veja seu aluno e a si mesmo como ser histórico, impregnado de cultura, e que isto não se dissocia da criança que seu aluno é.

Aceitar a personalidade como constituída culturalmente permite que o docente possa ver seu papel dentro da educação de maneira diferente, uma vez que está claro que a personalidade de cada um influencia a si mesmo, aos outros e o processo de aprendizagem; tudo isto porque acreditamos que o desenvolvimento intelectual do sujeito está fundamentado nas relações que são internalizadas, relações que definem e explicam o modo de ser de cada um.

Ter conhecimento de que sua postura, seu modo de agir, sua maneira de falar e que tudo isto afeta a personalidade das crianças possibilita que o professor perceba o lugar social de onde fala e a repercussão deste lugar para cada um na sala de aula. E com isto, tenha a compreensão de que o aluno não é necessariamente, assim ou assado, de um jeito ou de outro. Ele vai se fazendo nas condições concretas de vida.

Assim, a linguagem falada ou corporal do professor é fundamental no processo de aprendizagem da criança e na maneira como ela irá se comportar. Podemos dizer que a linguagem do professor, o outro na relação professor-aluno, ao mesmo tempo limita e restringe a personalidade de seu aluno. São essas relações que serão internalizadas pelo sujeito. O que não significa que o sujeito é passivo dentro deste processo, e sim que ele interage com os elementos que possui naquela situação, e interage, principalmente de acordo com a relação social estabelecida entre sujeito e o outro. Este mesmo processo é também feito com relação à personalidade.

7. Considerações finais

As formas de participação do outro na formação da personalidade do sujeito são construídas historicamente pelo homem. A reflexão de como isto acontece propicia que cada um de nós, principalmente nós professores, pensemos o sujeito para além das formas legitimadas pela linguagem oral.

A participação do outro na formação da personalidade do sujeito nos permite perceber o sujeito dentro da coletividade cultural, ou seja, vivendo, crescendo, aprendendo em sociedade. Sendo assim, o professor não deve se apresentar como único detentor do saber. Ele deve ser um profissional que busque refletir sua prática pedagógica, problematizá-la, fazendo análise crítica, buscando conhecimentos teóricos que vão auxiliá-lo no entendimento e na fundamentação de seu trabalho. Mas essa análise só tem sentido se professor puder voltar a sua prática pedagógica com mudanças de postura ou reafirmações desta, contudo, após uma longa reflexão e discussão de seu trabalho, e compreender que

"(...) o desenvolvimento da inteligência está ligado na criança ao desenvolvimento da sua personalidade total. Para falar da sua personalidade não podemos ignorar as suas condições de existência. Estas variam com a idade. Com a idade variam as relações da criança com o seu meio. De idade para idade torna-se diferente o meio da criança(...)" (WALLON, 1975.p.202).

Enfim, acreditamos que o homem é geneticamente social, isto significa que a compreensão de seus atos, de suas falas, de seu pensamento, de seus relacionamentos, de sua personalidade só é possível dentro do contexto de relações com o outro, ou seja, do contexto histórico/social/cultural.

"(...) Para nós é a personalidade social = o conjunto de relações sociais encarnadas no indivíduo..." (VYGOTSKY, 2000, p. 34)

isto implica em que assumir a teoria histórico-sócio-cultural é assumir nossa responsabilidade, como profissionais da educação, diante do que acontece a nossos alunos; implica em assumir que nossa postura na escola provoca respostas diferenciadas, comportamentos diferenciados e que somos responsáveis por eles; implica ainda em compreender a relação professor/aluno para além da relação ensino/aprendizagem. Ou seja, assumir a teoria histórico-sócio-cultural implica em entender, compreender e vivenciar as relações como relações produzidas e construídas entre homens.

8. Bibliografia

BANKS-LEITE, Luci. *As dimensões interacionistas e construtivistas em Vygotsky e Piaget.*

In: Caderno CEDES: Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 3 edição, 2000, n. 24, pp. 30-28

CERISARA, Ana Beatriz. *A educação infantil e as implicações pedagógicas do modelo*

histórico- cultural. In: Caderno CEDES: Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. 2 edição, 2000, n.35, pp. 62-77

DAMASCENO, Benito P., GUERREIRO, Marilisa M. *Desenvolvimento Neuropsíquico: suas*

raízes biológicas e sociais. In: Caderno CEDES: Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 3 edição, 2000, n. 24, pp. 13-20

DUARTE, Newton. *A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: Marx e a*

questão do saber objetivo na educação escola. In: Revista Educação e Sociedade:

Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem

2. edição, 2000, n.71, pp.79-115

ELERO, Ana Célia S. *Construção social de identidade: a palavra do outro no processo de*

formação da subjetividade. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de

Educação. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-FE). Campinas, 1997.

FERNANDES, Heloísa R. *A paixão do educador no imaginário da sugestão.* In: Sintoma

social dominante e moralização infantil. Um estudo sobre educação moral em Émile

Durkheim. São Paulo: EDUSP/Escuta, 1994, pp. 147-199

FONTANA, Roseli A. C. *A constituição social da subjetividade: notas sobre a central do*

Brasil. In: . Revista Educação e Sociedade :Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas

sobre a constituição cultural do homem. 2. edição, 2000, n.71, pp.221-234

FONTANA, Mônica G. Z. *Signo ideológico versus interação comunicativa: o social e o ideológico nas teorias da linguagem*. In: Caderno CEDES: Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética, 3 edição, 2000, n. 24, pp.52-59

GÓES, Maria Cecília R. *A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet*. In: Revista Educação e Sociedade: Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2 edição, 2000, n. 71, pp.116-131

GÓES, Maria Cecília R. *Os modos de participação do outro no funcionamento do sujeito*. In: Educação e Sociedade. Campinas. vol 13. n42, agosto/1992, pp.336-341

GÓES, Maria Cecília R. *A natureza social do desenvolvimento psicológico*. In: Caderno CEDES: Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética, 3 Edição, 2000, n. 24, pp.21-29

IANNI, Octávio. *Marx*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LAPLANE, Adriana L.F. de. *Interação e silêncio na sala de aula*. Ijuí/Rio Grande do Sul: Unijui, 2000

MORATO, Edwiges M., COUDRY, Maria I.H. *Processos enunciativo-discursivo e patologia da linguagem: algumas questões lingüísticos-cognitivas*. In: Caderno CEDES: Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética, 3 edição, 2000, n. 24, pp.76-89

MORATO, Edwiges M. *Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social*. In: Revista Educação e Sociedade: Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2. edição, 2000, n. 71, pp.149-165

- PINO, Angel. *O social e o cultural na obra de Vygotsky*. In: Revista Educação e Sociedade: Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2. edição, 2000, n.71, pp.45-78
- REGO, Tereza C.R. *A origem da singularidade humana na visão dos educadores*. In: Caderno CEDES: Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. 2 edição, 2000, n.35, pp.96-113
- REY, Fernando L. G. *El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski*. In: Revista Educação e Sociedade Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2 edição, 2000, n.71, pp.132-148
- SMOLKA, Ana Luíza B. *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. In: Revista Educação e Sociedade: Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2 edição, 2000, n.71, pp.166-193
- SMOLKA, Ana Luíza B. *A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal*. In: Temas em psicologia, 1995, n2, pp11-21
- SMOLKA, Ana Luíza B. *A prática discursiva na sala de aula: uma perspectiva teórica e um esboço de análise*. In: Caderno CEDES: Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética, 3 edição, 2000, n. 24, pp.60-75
- SMOLKA, Ana Luíza B. *Conhecimento e a produção de sentidos na escola: a linguagem em foco*. In: Caderno CEDES: Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. 2 edição, 2000, n.35, pp.50-61
- SMOLKA, Ana L.B., NOGUEIRA, Ana Lúcia H., *O desenvolvimento cultural da criança: mediação, dialogia e (inter)regulação*. In: OLIVEIRA, M.K., REGO, T.C., SOUZA, D.T.R. (organizadoras). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002

TUNES, Elisabeth. *Os conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento verbal*.

In: Caderno CEDES: Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural, 2ª edição, 2000, n.35, pp.36-49

VIGOTSKI, L. S. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins

Fontes, 1999

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984

VYGOTSKY, L.S. *Manuscrito de 1929(Psicologia concreta do homem)*. In: Revista Educação

E Sociedade: Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2ª edição, 2000, n.71, pp.21-44

WALLON, HENRI. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ZANELLA, A. V., BALBINOT, G., PEREIRA, R. S. *A renda que enreda: analisando o*

processo de constituir-se rendeira. In: Revista Educação e Sociedade: Vygotsky – O manuscrito de 1929- temas sobre a constituição cultural do homem. 2ª edição, 2000, n.71, pp.235-252